

## A PUREZA INTRINSECA DAS OBSCURIDADES: UMA VISÃO DO DZOGCHEN<sup>1</sup>

*James Low*

Novembro de 2011

Traduzido para o português por João Vale Neto

O samsara, o movimento sem fim dos seres sencientes através dos seis reinos da existência, geralmente tem um sentido ruim no budismo. Surgindo através da ignorância e do apego, ele é comparado como um pântano. Afundando nas trevas pegajosas das nossas interpretações habituais, estamos agindo de acordo com os nossos pressupostos os quais nos enganam com a sua pseudoclaridade.

A prática budista é desenhada para nos tirar dessa bagunça e nos aponta os caminhos para o nirvana, o estado de paz livre da luta e da aflição. É claro que há muitos diferentes tipos de prática, cada um tendo sua própria visão, meditação, atividade e resultado.

No nível mais básico, temos métodos de evitar que o que surja seja causa de ansiedade. Evitar depende do nosso desejo de renunciar à sedutora força dos objetos e padrões sobre os quais sucumbimos. Itens e situações que a nossa cultura dizem ser bom, nesse sentido, precisam ser considerados maus e perigosos. Por exemplo, a liberdade sexual, atualmente mais presente em países ocidentais, encorajam os jovens a mergulhar dentro da experiência e trabalhar o que eles gostam e o que eles não gostam, o que, como, indivíduos, eles consideram 'bom' ou 'ruim'. Ainda que no momento em que estabelecemos o que é OK para nós, nós já nos enredamos nos padrões poderosos de identificação repetitiva e reatividade.

No intuito de renunciar a esses padrões culturais, nós precisamos procurar um outro lugar para ir, um ambiente que apoie uma forma diferente de viver. Tradicionalmente isso pode ser uma comunidade monástica onde a simplicidade da estrutura promove uma introspecção calma, otimizando a possibilidade de ver as suas próprias disposições. Infelizmente, essa forma de vida parece ser uma ponte muito distante da maioria dos budistas que moram no Ocidente.

Se nós não podemos - ou não iremos - nos alijar das turbulências diárias da vida no mundo, como vamos proceder com a prática do darma quando somos tão vulneráveis ao poder das obscuridades? O termo 'obscuridade' diz respeito a essas fáceis tendências que encobrem, dissimulam e escondem a nossa natureza de buda, ou o potencial de despertarmos do sonho da ignorância.

Essas obscuridades podem ser organizadas em duas categorias, as que surgem das emoções e estados de espírito aflitivos e as que surgem na confiança no falso conhecimento - os múltiplos hábitos de tomar a ilusão como sendo a 'realidade'. Em particular, estar sob o poder das obscuridades significa que não vemos a natureza real de tudo o que experimentamos nem vemos a natureza daquele que está tendo estas experiências.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na *The Middle Way: Journal of the Buddhist Society*, [87,1], 35-38. Tradução para o português por João Vale Neto.

A maior parte dos caminhos do dharma focam em purificar e remover as obscuridades que constroem ou desvirtuam o que está surgindo para nós. O primeiro passo nesse sentido é formular uma visão mais acurada sobre o que está realmente acontecendo. Por exemplo, nós tomamos os fenômenos como sendo auto-existentes, agindo na direção deles como se fossem entidades separadas, com sua própria auto-natureza inerente. Devido a essa orientação, experienciamos um mundo cheio de coisas no qual nós também somos coisas. Definimos as coisas que encontramos de acordo com as categorias que a nossa cultura oferece no momento e descrevemos-nos, similarmente, nos termos dos atributos e qualidades que estão em voga.

A reificação e objetificação que sustentam essas tendências são invisíveis para aqueles que acreditam que essa é a forma que isso é, que a vida é assim. No entanto, no dharma, a atenção é focada no sofrimento gerado pela imersão nesta coincidência. Ao analisar a nossa experiência dos fenômenos através da estrutura dos cinco skandhas, nos abrimos para uma nova perspectiva que nos auxilia a não sermos pegos. Ao nos tornamos atentos à impermanência de todos os fenômenos, e especialmente à natureza transitória dos eventos mentais, abrimos os nossos olhos para a natureza dinâmica da experiência como uma revelação que ocorre livre de entidades fixas.

Ainda assim nos vemos pegos na aparente realidade do que está acontecendo. Parece haver um grande e penoso trabalho no intuito de purificarmos as obscuridades e desenvolver as qualidades de um ser iluminado. Milhões de vidas assomam à frente, nas quais nós precisaremos estar no caminho. Desenvolver a intenção bodisatva de salvar todos os seres pode prover um senso de coragem e propósito. Isso é fortalecido ao termos um senso funcional de refúgio, de não seguir só, que oferece proteção contra o beco sem saída do herói solitário imerso na fantasia de que 'tudo depende de mim'.

A isso tudo também pode ser somadas as poderosas práticas de purificação encontradas no tantra budista. Conectar nossas identidades aos diversos seres de uma mandala permite-nos uma transformação do nosso habitual, familiar caminho de seguir o que chamamos 'nossa vida'. As estruturas cármicas instáveis são dissolvidas em formas confiáveis que emanam do despertar do Buda. Ligamo-nos a esses modos iluminados através da repetição da visualização, mantra, mudra, oferecimentos, etc. Através disso, progressivamente libertam-nos do domínio do samsara onde as obscuridades são pervasivas.

Todos esses métodos úteis mencionados acima tem uma coisa em comum, são dependentes do esforço individual. Se a prática não é feita o resultado não é atingido. Os antídotos precisam ser aplicados caso contrário os venenos do samsara vão continuar a operar em nós, embotando o nosso julgamento e promovendo a atividade impulsiva e enredada. A cada dia, novas situações nos confrontam com o limite da nossa prática, com a nossa falta de clareza e a inabilidade nos meios hábeis. A árvore do samsara continua a crescer e, da mesma forma que a cabeça da Medusa, quão mais cortamos os galhos, mais eles crescem. A vigilância incessante é necessária e precisamos nos encorajar a estar na trilha e evitar distração.

A tradição do dzogchen, no entanto, oferece uma leitura diferente da situação. Ao invés de focar em evitar, manipular ou transformar o que está acontecendo, ela aponta diretamente na direção de presenciar a natureza de quem experiencia. Se há ou não um mundo 'objetivo', está claro que apenas temos acesso à nossa experiência. Tudo o que vemos, ouvimos,

cheiramos, provamos, tocamos, pensamos ou sentimos é uma imagem, um produto da nossa imaginação. Nossa mente revela a si mesma através da disposição incessante de imagens que surgem na forma do nosso senso de objetos externos e opiniões internas, entendimentos, etc. O fluxo da experiência é incessante.

Em um quadro dualista de referência, experimentamos a nós mesmos como uma consciência engajada no mundo ao nosso redor. A natureza plural desta consciência é bem descrita na literatura budista, e, em particular, o fato de que o sujeito, nossa 'mente consciente', sempre 'pega' um objeto. Isso quer dizer que sempre estamos conscientes de algo; a consciência e seus objetos surgem e se vão juntos. Com isto, podemos ver que o que tomamos como sendo nós mesmos, nossa identidade particular, individual e pessoal, é um fluxo de aparente experiências 'internas' emergindo em paralelo com o fluxo das experiências aparentemente 'externas'. De fato, estes não são dois domínios separados. Sujeito e objeto são dinâmicos. Não um ego fixo. E ainda assim, há uma continuidade para o nosso senso de estarmos vivos, de existir, de experienciar.

Se o conteúdo da nossa experiência é dinâmico, o que então é estável e confiável? Isto é a lucidez em si mesma, a nossa verdadeira natureza, que não é uma coisa, não é um substância secreta especial ou essência. Inseparável da vacuidade, a lucidez é pura, livre de qualquer marca ou impureza. Não tendo substância, ela não pode ser agarrada nem contaminada por 'qualquer outra coisa'. De fato, o que mais está ali? Quando, na prática de simplesmente estar presente com o que quer que ocorra, nós presenciamos a nós mesmos, ao experienciador de cada momento, não achamos nenhum limite definido. Nossa mente, nossa natureza, é nua, não coberta por quaisquer conceitos, memórias, hábitos ou interpretações. Ela é fresca, aberta a cada momento como o primeiro momento. Nesse estado, não há obscuridades e nada a ser obscurecido. Permanecendo na lucidez, somos abertura infinita e não-nascida – o campo radiante da experiência e dos momentos únicos do nosso ser co-emergente no mundo com os outros seres. Esses três aspectos estão naturalmente integrados; ao despertarmos para isto, nosso senso usual de ser relaxa na sua própria base e é libertado do peso da responsabilidade total. As dificuldades da existência se tornam bem diferentes do ponto de vista da lucidez.

Como isso pode ser tão simples e nós ainda não alcançamos? Bem, isso é porque estamos procurando por alguma coisa. Estamos tentando achar nossa natureza de Buda como se ela fosse uma versão melhor das nossas existências diárias. Isso é um grande erro, um tipo de delusão antropomórfica. A base do ser é aberta, lucidez infinita sempre já presente. Não precisamos fazê-la, ou achá-la, ou purificá-la ou desenvolvê-la. Ao relaxarmos nosso envolvimento em ambas as preocupações do samsara e as preocupações dos muitos caminhos do nirvana, vamos achar a nós mesmos onde devemos estar, onde sempre estivemos, em lugar nenhum, em todo lugar e bem aqui.